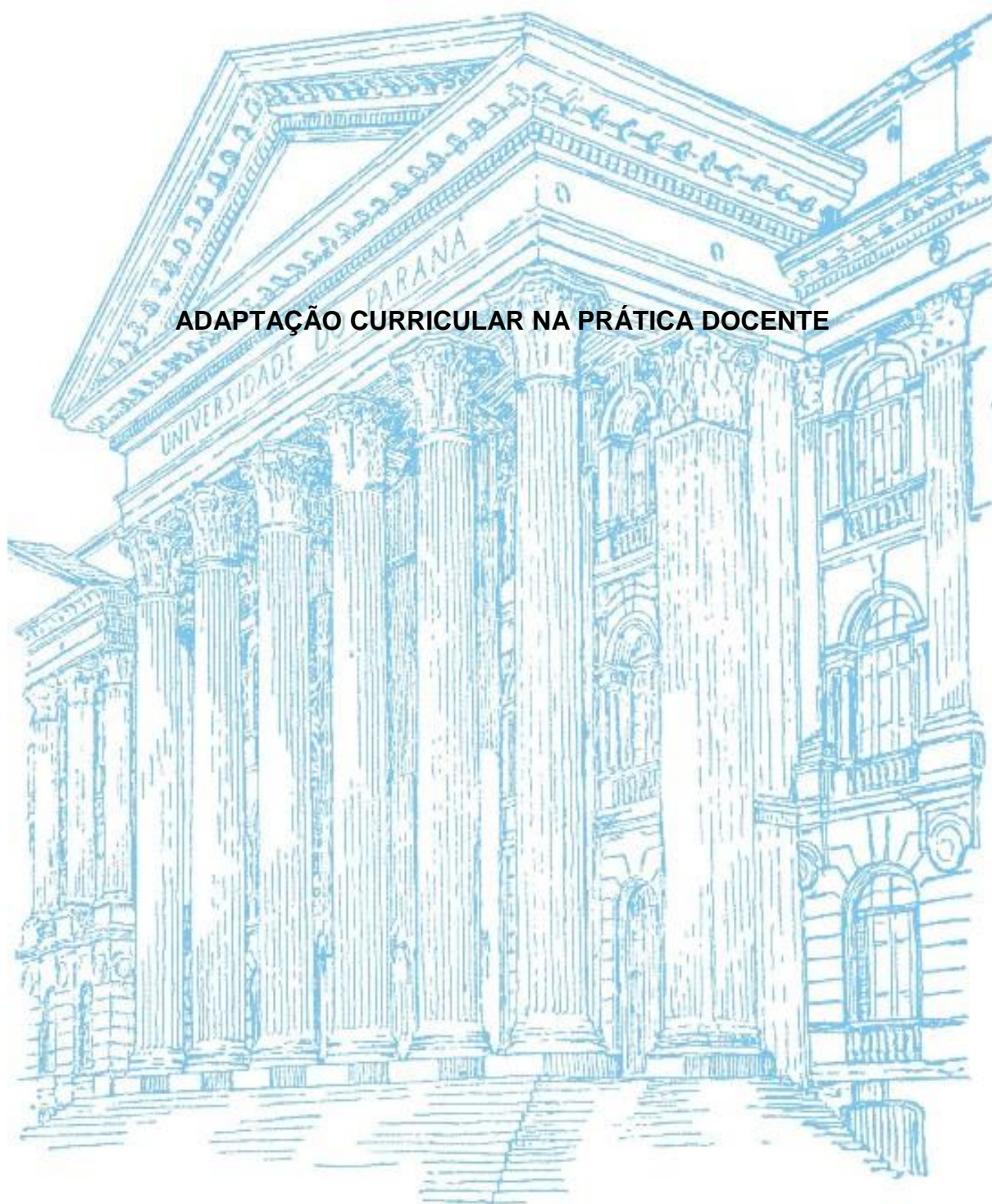


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BÁRBARA BARBOSA

ADAPTAÇÃO CURRICULAR NA PRÁTICA DOCENTE



LARANJEIRAS DO SUL

2016

BÁRBARA BARBOSA



ADAPTAÇÃO CURRICULAR NA PRÁTICA DOCENTE

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professora Mestre Edna Amancio de Souza Ramos.

LARANJEIRAS DO SUL

2016

ADAPTAÇÃO CURRICULAR NA PRÁTICA DOCENTE

BÁRBARA BARBOSA¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o que os professores e pedagogos pensam da adaptação curricular, quais as dificuldades enfrentadas e como estes profissionais trabalham para efetivar e garantir o processo de inclusão favorecendo a igualdade dos sujeitos no ambiente escolar. As adaptações curriculares são possibilidades educacionais para atuar frente às necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Ela é vista pelos professores como um desafio que exige dedicação e planejamento. A adaptação curricular não é um novo currículo, mas sim sua adequação para torná-lo apropriado a todas as peculiaridades existentes no ambiente escolar. O currículo deve ser flexível, alterável e dinâmico para que atenda todos os educandos. A pesquisa se baseia em estudos referentes ao tema adaptação curricular e foram aplicadas entrevistas buscando reconhecer a opinião de professores e pedagogos da rede estadual de ensino sobre o tema. O principal fator evidenciado foi a carência de formação adequada para melhorar o trabalho pedagógico e a aprendizagem dos educandos.

Palavras-chave: Adaptação Curricular. Currículo. Formação Docente.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho será abordada a adaptação curricular, concepções e objetivos de oportunizar aos alunos com dificuldades o conhecimento adequado ao seu modo de aprender. Além da pesquisa e revisão bibliográfica serão abordadas e realizadas reflexões referentes sobre o resultado de uma pesquisa empírica desenvolvida com professores e pedagogos do ensino fundamental em uma escola estadual da cidade de Laranjeiras do Sul.

O objetivo deste texto é discutir sobre a prática da adaptação curricular, os desafios enfrentados pelos docentes e pedagogos e as contradições entre os pontos

¹ Artigo produzido pela aluna Bárbara Barbosa, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora mestre Edna Amancio de Souza Ramos. E-mail: barbarab@seed.pr.gov.br.

de vista de cada entrevistado fazendo relação com os pressupostos teóricos pesquisados neste trabalho.

A política de inclusão deve proporcionar ao aluno uma real participação no processo de ensino aprendizagem, fazendo com que as leis que a respaldam possam se efetivar de maneira sólida, garantindo e tornando o ambiente escolar um lugar onde as diferenças sejam respeitadas, rompendo paradigmas e proporcionando um espaço educativo de qualidade para os alunos inclusos.

A adaptação curricular está respaldada no Art. 5º, Inciso III, Resolução CNE/CEB nº 2 onde cita:

Flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola, respeitada a frequência obrigatória. (MEC, 2001 *apud* LOPES, 2008, p.20).

As adaptações curriculares referem-se aos ajustes que o professor pode fazer nos objetivos pedagógicos constantes de seu plano de ensino. Essas modificações organizadas para dar respostas às necessidades de cada aluno, em especial daqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, decorrentes ou não de deficiência.

Portanto, adaptação curricular quando bem planejada e elaborada pode trazer muitos benefícios para o processo de ensino aprendizagem enriquecendo aspectos como sociabilidade e melhoria da relação entre professor e aluno.

Como metodologia foram realizadas leituras de referenciais específicos da adaptação curricular bem como entrevistas com professores e pedagogas da rede estadual de ensino da cidade de Laranjeiras do Sul.

Nas considerações finais há reflexões sobre o ponto de vista dos professores e pedagogas entrevistadas, onde se evidencia a importância de formações específicas para a área de inclusão, pois para estes profissionais ainda há a necessidade de estudos e reflexões a fim de melhorar o atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, garantindo assim, um aprendizado mais significativo e uma prática docente com mais qualidade.

2 A ADAPTAÇÃO CURRICULAR NO ÂMBITO DO TRABALHO DOCENTE

De acordo com a Resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e define as necessidades educacionais especiais e as medidas necessárias à inclusão escolar. Desta forma, as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Porém, mesmo tendo esse direito assegurado nem todas as instituições de ensino se sentem seguras para acolher os alunos inclusos e por isso, deixam de desenvolver um trabalho pedagógico centrado na aprendizagem do educando, respeitando suas individualidades e limitações.

O Parecer nº 17, de 03 de Julho de 2001, em seu item 4 ressalta a importância da política da inclusão na área educacional, destacando a importância de desenvolver estratégias em busca do desenvolvimento e melhoria da qualidade do ensino para alunos inclusos.

A política de inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades. (BRASIL, 2002b, p.69).

Reuniram-se em Salamanca, de 7 a 10 de Junho de 1994, mais de 300 participantes, em representações de 92 governos e 25 organizações internacionais, a fim de promover o objetivo da Educação para Todos. Sendo que um de seus princípios garante as pessoas com necessidades educacionais especiais direito ao acesso à escola regular dentro de uma proposta pedagógica centrada na criança, satisfazendo suas necessidades. (UNESCO, 1994, item 2, p.1).

Diante disso, precisa-se refletir sobre o fato de que para desenvolver o potencial de nossos educandos respeitando suas diferenças e necessidades, é de grande importância que os docentes possuam conhecimentos relacionados às dificuldades dos alunos inclusos, pois desta maneira o trabalho se tornará mais significativo. No entanto, percebe-se que nem sempre os professores possuem formação adequada para esta área, aos conhecimentos relativos às deficiências de

seus alunos, já que em sua formação acadêmica não foi ofertado esse tipo de ensino, pois nem sempre são contemplados nos currículos dos cursos superiores.

De acordo com Carvalho, as adaptações curriculares consistem em *“modificações realizadas pelos professores, suas estratégias de ensino, organizadas às necessidades de cada aluno”*. (CARVALHO, 2000, p.8). Por isso a importância de o professor sempre trabalhar em conjunto com a equipe pedagógica a fim de estudarem melhores maneiras de adaptação de conteúdos aos seus alunos, pois cada educando possui sua dificuldade, e não há uma receita pronta para todos.

Assim, devemos lembrar que *“as adaptações curriculares devem seguir uma ordem baseada no currículo, podendo ser mais significativa ou menos significativa isso dependerá do conhecimento que o professor tem do aluno”* (MINETTO, 2008, p.67-68), pois este conhecimento proporcionará melhorias efetivas no processo de ensino-aprendizagem.

2.1 ADAPTAÇÃO / FLEXIBILIZAÇÃO / ADEQUAÇÃO CURRICULAR

Os termos adaptação e adequação são tomados como sinônimos, pois buscam *“ajustar, amoldar, acomodar. Já o termo flexibilização não é encontrado nos dicionários, mas, com significado semelhante encontra-se o termo flexibilidade, que vem da qualidade do que é flexível”*. (LOPES, 2008, p.10).

A ideia de adaptação na sala de aula vem da necessidade de conceder maior, plasticidade, maior maleabilidade, ao processo de ensino aprendizagem, desfazendo-se da rigidez tradicional em que os currículos escolares adotam. Segundo Beyer:

O desafio é construir e por em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum e válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. (BEYER, 2006, p.76).

No contexto da Educação Inclusiva deve-se entender a adaptação, flexibilização ou adequação como a resposta educativa que é dada pela escola para satisfazer as necessidades educativas de um aluno ou de um grupo de alunos, dentro da sala de aula regular.

Dentro desta proposta buscando garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na escola, o Projeto Escola Viva voltado para alunos com necessidades especiais foi publicado pelo MEC-SEESP (2000), e os Volumes 5 e 6, tratam das Adaptações Curriculares que podem ser caracterizadas como de grande e pequeno porte.

As adaptações curriculares de grande porte ressaltam a importância de o professor conhecer a história do aluno, sua trajetória referente à sua aprendizagem, características pessoais em sua maneira de aprender, entre outros.

Levando em consideração estes aspectos, faz-se necessário que o professor busque conhecer cada um de seus alunos, principalmente no que diz respeito as suas necessidades especiais.

As necessidades especiais revelam que tipo de estratégias, diferentes das usuais, é necessário permitir que todos os alunos, inclusive as pessoas com deficiência, participem integralmente das oportunidades educacionais, com resultados satisfatórios, dentro de uma programação tão normal quanto possível.

As adaptações de pequeno porte constituem-se de pequenos ajustes no currículo regular, realizados pelo próprio professor, no planejamento das atividades do cotidiano escolar, não requerendo autorização nem dependendo da ação de qualquer outra instância superior. Essas ações podem ocorrer em diferentes momentos da ação docente visando sempre o aprendizado do educando.

2.2 CURRÍCULO E ADAPTAÇÕES CURRICULARES

Segundo González Manjón, Ripalda Gil e Asegurado Garrido, currículo refere-se a *“um conjunto de experiências que a escola como instituição, põe a serviço dos alunos com o intuito de potencializar o seu desenvolvimento integral”*. (GONZÁLEZ MANJÓN, RIPALDA GIL; ASEGURADO GARRIDO, 1997, p.61). Esta é uma das primeiras medidas oferecidas à escola para responder adequadamente à diversidade de necessidades apresentadas pelos alunos, para ajustar-se às especificidades de grupos os mais diferenciados possíveis.

Uma escola inclusiva busca desenvolver sua proposta curricular respeitando as diferenças individuais de cada aluno, buscando respostas que venham a auxiliar e até mesmo superar as dificuldades sem deixar, no entanto, de atender os demais.

Tendo essa perspectiva, a escola não pode, segundo Mantoan e Prieto (2006), simplesmente encaixar um projeto novo, no caso a inclusão, em uma velha matriz epistemológica. Ressalta que para potencializar as diferentes capacidades dos alunos, promover sua realização pessoal e sua inserção na sociedade, o currículo deve ser aberto e flexível, e não uma proposta acabada deve dar ênfase aos conteúdos conceituais, que se pretende preservar e transmitir as novas gerações.

Desta maneira, busca-se favorecer o desenvolvimento de currículos paralelos para os alunos que não acompanham os currículos tradicionais evitando assim, a exclusão desses educandos.

Segundo os Ensaio Pedagógicos, algumas características de um currículo possibilitam uma melhor resposta à diversidade:

Os objetivos são formulados em termos de capacidades para promover o desenvolvimento integral de todos os alunos. Tanto essas capacidades quanto os conteúdos para desenvolvê-las são de natureza diversa e incluem fatos, conceitos e princípios, procedimentos, atitudes e valores.

A formulação de objetivos é genérica, o que permite a inclusão de toda a população escola.

Os objetivos vêm expressos sob a forma de comportamentos concretos, o que faz com que a sua avaliação não seja direta, nem unívoca.

Não prescrita a ordem em que devem ser aprendidos os distintos conteúdos.

Não existem muitos objetivos e blocos de conteúdos direcionados explicitamente para a atenção e o respeito às diferenças. (BRASIL, 2006, p.9).

Elaborar e planejar propostas concretas para atender a diversidade, de acordo com os avanços demonstrados pelo aluno e que seja possível identificar as intervenções didáticas considerando todas as dimensões onde poderiam ocorrer situações desfavoráveis. Isso quer dizer que mesmo que o currículo expresse claramente as aprendizagens consideradas essenciais e constitua-se num referencial de educação para todos os educandos, deve sofrer as adaptações necessárias para permitir ao aluno apropriar-se dessas aprendizagens nele estabelecidas.

As adaptações curriculares podem ser classificadas como de grande porte ou de pequeno porte. E as adaptações de Grande Porte são de competência e atribuição das instâncias político-administrativas superiores, já que exigem modificações que envolvem ações de natureza política, administrativa, financeira,

burocrática, etc. Outras, denominadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Adaptações Curriculares não Significativas, porque compreendem modificações menores, de competência específica do professor. Elas configuram pequenos ajustes nas ações planejadas a serem desenvolvidas no contexto da sala de aula. A essas denomina Adaptações Curriculares de Pequeno Porte.

Delimitando-nos as Adaptações de Pequeno Porte, que são aquelas que cabem aos professores realizarem para favorecer a aprendizagem de todos os alunos presentes nas salas de aula. Estas ações devem ser planejadas e construídas tendo como referência, primeiramente, os conteúdos curriculares oficiais para o ano/série em que se está trabalhando, levando em conta os objetivos fundamentais e os conteúdos mínimos essenciais, aos quais os alunos devem ter acesso para alcançarem sucesso e promoção para a série/ano superior.

As Adaptações de Curriculares de Pequeno Porte *“encontram-se no âmbito de responsabilidade e de ação exclusivos do professor, não exigindo autorização, nem dependendo de qualquer outra instância superior, nas áreas política administrativa, e/ou técnica”*. (BRASIL, 2000a *apud* BERGAMO, 2010, p.11). O documento citado dá destaque à afirmação que o processo se dá no âmbito de responsabilidade e de ação exclusivos do professor por considerar que tais ações no cotidiano da escola não são exclusivas do professor visto que algumas delas, aparentemente simples, para serem postas em prática dependem de recursos, que estão no âmbito administrativo, de apoio da equipe pedagógica e de aprovação e parceria com a família.

Por isso, pode se dizer que a ação é específica do professor, mas a responsabilidade é da escola, pois a educação inclusiva subentende ação compartilhada e não trabalho docente solitário.

Segundo Coll (1996), a individualização do ensino consiste fundamentalmente no fato de ajustar a ajuda pedagógica às características e necessidades educativas dos alunos, ou seja, devem assumir formas diferentes, e assim o Projeto Curricular deve abster-se de prescrever apenas um método de ensino no sentido habitualmente atribuído à expressão.

Dessa forma, podemos compreender que nenhuma proposta de adaptação curricular deverá ser trabalhada de forma excludente e sim visando o convívio e a sociabilidade do educando.

3 O QUE OS PROFESSORES E PEDAGOGOS PENSAM SOBRE A ADAPTAÇÃO CURRICULAR

A pesquisa foi desenvolvida com professores e pedagogos e foi utilizado o método de entrevista visando à compreensão e descoberta da forma de pensar destes profissionais a respeito do tema, onde foram questionados sobre as suas dificuldades e como são realizadas as adaptações curriculares em suas práticas cotidianas. Este método foi escolhido a fim de obter melhor percepção sobre as reações dos entrevistados referente aos questionamentos, pois a entrevista busca retratar todos os aspectos referentes à adaptação curricular, e a maneira com que o professor se expressa durante as respostas traz significados importantes para o enriquecimento das respostas.

Para as pedagogas foi perguntado sobre sua visão sobre adaptação escolar, também como fazem para auxiliar os professores na realização das adaptações e quais as dificuldades para vê-las se efetivando.

Foram entrevistados três professores e duas pedagogas através de entrevista gravada, com perguntas objetivas sem nenhuma intervenção da entrevistadora.

Analisando as respostas das questões que foram propostas, foi possível perceber que há professores que possuem um maior conhecimento frente às questões relacionadas ao processo de inclusão, como também, há o professor que sabe somente o essencial, isto é, sabe somente o que a equipe pedagógica nos encontros e reuniões informa sobre as adaptações curriculares.

O professor nem sempre fez um curso, pós-graduação, seminário ou outro evento que abordasse os caminhos, a história da educação especial e sua importância, quais as dificuldades de aprendizagem o aluno poderá vir a apresentar. Muitas vezes as formações oferecidas pelo órgão responsável pela capacitação dos docentes nem sempre se voltam para todos e sim para quem atua especificamente na área de educação especial, daí essa lacuna na formação dos professores do ensino regular. Muitos possuem alunos inclusos em suas turmas, mas não possuem conhecimento satisfatório para auxiliar estes alunos.

Sobre o que o professor (a) entende por Adaptação Curricular, as respostas foram:

Professora A: Adaptação Curricular consiste em proporcionar ao aluno o mesmo conteúdo, mas de maneira diferenciada dos demais, ajustar-se ao seu modo de aprender, propor meios diferenciados para que o mesmo consiga alcançar a compreensão do conteúdo ensinado. Foi possível perceber que a professora sentiu-se a vontade para responder, demonstrou gostar do assunto abordado.

Professor B: Entendo que Adaptação Curricular como o próprio nome diz, é adaptar as tarefas, atividades, para o aluno que possui uma deficiência uma dificuldade de aprender, é isso que faço. Foi possível perceber certa insegurança ao responder, o professor demonstrou não estar muito à vontade com a entrevista, mas não se recusou a fazê-la.

Professora C: Adaptação Curricular é utilizar de várias metodologias e estratégias para auxiliar e proporcionar nossos alunos que possuem dificuldades de aprendizagem e deficiências sejam elas intelectuais ou outros transtornos, ajudando-os a aprender da melhor maneira possível! A professora demonstrou boa vontade e parecia gostar do tema, relatou docente já ter realizado especialização na área.

Os professores entendem que para realizar a adaptação curricular é necessário que lancem mão de novos meios e abordagens, no entanto, ainda não é algo simples ou fácil de aplicar, pois demanda tempo e conhecimentos adequados a esta prática.

As respostas a esta questão nos dá uma dimensão da compreensão do professor perante o tema de nosso trabalho, pois é imprescindível que o professor possa conhecer sobre o real significado de adaptação curricular, sem esse saber a prática pedagógica fica limitada. Sasaki (2001), em entrevista interativa, sobre o tema Educação Inclusiva na prática, no Portal Aprende Brasil, faz afirmações que julgamos importante registrar:

O processo de inclusão não pode ser interrompido a espera que todos os educadores estejam preparados para ensinar alunos com deficiência. Tal preparação se dá graças à inclusão desses estudantes, que, devido as suas necessidades e habilidades, levam o professor a enfrentar os desafios apresentados pelas novas situações envolvidas no processo de ensino-aprendizagem e a encontrar soluções realistas para cada aluno, com o apoio de toda a comunidade escolar. Os benefícios da inclusão não se restringem aos portadores de necessidades especiais, pois todos os alunos ganham em termos de efetiva aprendizagem. (SASSAKI, 2001, p.1).

Sobre como adaptar conteúdos para os alunos, os professores responderam:

Professora A: Sempre procuro a equipe pedagógica para que possa me auxiliar conforme as dificuldades de cada aluno, para saber qual é o distúrbio de aprendizagem que este apresenta e conforme a dificuldade procura ajudá-los de maneira individualizada, busco materiais alternativos

como jogos e atividades em grupo buscando a socialização procuro também trazer o aluno pra mais perto de mim e do quadro para conseguir acompanhá-lo mais de perto.

Professor B: Sempre dou tempo maior aos alunos inclusos, ajudo-os, explico várias vezes e quando vejo que mesmo assim não conseguiram concluir suas atividades dentro do tempo previsto deixo a atividade com a pedagoga para que a mesma leve para a professora da Sala de Recursos para que ela auxilie o aluno e para que este possa concluir sua tarefa.

Professora C: Eu procuro conhecer a deficiência do aluno, sempre converso com a pedagoga e com a professora da Sala de Recursos para compreender e conhecer a dificuldade do aluno, pois nem sempre o conhecemos suficientemente já que não atuo sempre na mesma escola, por isso busco conhecer primeiramente, depois percebo onde o aluno possui mais dificuldades e procuro adaptar as avaliações e trabalhos através de redução do número de questões para que o mesmo consiga realizar dentro do tempo, faço atividades com representações diferenciadas que podem ser através de desenhos, múltipla escolha (questões objetivas), além de provas orais, atividades em grupo visando a socialização e participação do educando. Mesmo realizando estas atividades ainda sinto que é necessário muito mais informações para nós docentes, além de bons materiais e infraestrutura adequada, esta última seria ideal para todos os alunos, pois dessa forma poderemos auxiliar mais nossos educandos.

Foi possível perceber que os professores procuram realizar atividades adaptadas tendo como objetivo a aprendizagem do aluno, mas também apresentam algumas dificuldades, não se sentem seguros na aplicação das adaptações, pois sabem que ainda precisam de maiores conhecimentos e informações para aplicá-las com maior qualidade. A ajuda da equipe pedagógica e da professora especialista na área de educação especial é vista pelos professores como um dos recursos para melhoria do ensino aprendizagem dos alunos inclusos.

Sobre quais as dificuldades encontradas em sua prática pedagógica frente ao desafio de adaptar conteúdos, os professores responderam:

Professora A: Para mim a maior dificuldade é fazer com que o aluno realmente compreenda, conseguir atingir esse objetivo, muitas vezes fazemos o nosso melhor, mas nem sempre conseguimos fazer com que o aluno progrida em seus estudos. Além da falta de materiais adequados que nos auxiliem nas tarefas.

Professor B: Tenho dificuldades, pois não tenho formação na área de educação especial, então alguns problemas dos alunos eu não tenho muito conhecimento específico para esta área, mas sempre procuro respeitar o direito que o aluno tem de aprender mesmo com suas dificuldades. Penso que as formações deveriam focar mais estas questões, de como ajudar mais o aluno em seu aprendizado.

Professora C: Tenho dificuldades quando o aluno não se expressa, quando não consigo avaliar até onde o mesmo conseguiu aprender, mas sempre busco estar lendo e me informando sobre como auxiliá-los cada vez melhor,

no entanto, sempre procuro ajuda para minhas dificuldades que surgem no meu dia a dia.

Com relação às dificuldades encontradas percebe-se que os professores foram unânimes em dizer que possuem dificuldades, e que não são poucas, muitos se sentem despreparados, mas buscam respeitar o direito dos alunos e se esforçam para realizar as atividades de maneira que possam garantir uma aprendizagem significativa mesmo que em algumas situações os alunos não evoluam dentro do esperado. A falta de capacitação para saber realizar as adaptações com qualidade também é uma das queixas dos docentes, pois estes precisam geralmente buscar informações, estudos, cursos por conta própria já que não recebem capacitações dos órgãos responsáveis.

Beyer é categórico quando nos fala da importância do professor em sala de aula para obtermos êxito no processo de inclusão:

[...] o professor em sala de aula é peça fundamental para que a ação educativa junto aos alunos com necessidades educacionais especiais tenha margem razoável de sucesso. Assim, tanto formação inicial como a formação continuada do professor em serviço deve englobar conceitos e uma prática pedagógica que criem as condições para uma prática educativa coerente com o projeto inclusivo. (BEYER, 2006, p.80).

Com isso, percebe-se que muito ainda precisa-se fazer para melhorar muitas questões referentes ao projeto inclusivo para que atenda efetivamente os princípios e a discussão acerca da formação dos professores seja aprofundada e implementada, transformando o que se julga inviável em uma proposta que transmita segurança e sirva de apoio aos professores.

Com relação às pedagogas, a primeira questão era sobre o que pensam da adaptação curricular:

Pedagoga A: Penso que a adaptação ou flexibilização curricular é um desafio para o professor e escola, pois, seu objetivo é estabelecer e colocar em prática no ambiente escolar um trabalho pedagógico que consiga ser comum e adequado para todos os alunos, contudo apto a atender os alunos em situações e características de aprendizagem que necessitam de uma pedagogia diferenciada.

A pedagoga B: Acredito que as adaptações ou flexibilizações são essenciais para o processo de ensino aprendizagem, mas ainda há uma grande lacuna entre a teoria e a prática. O fato é que nem todos os profissionais estão preparados e ou dispostos a realizá-la. Mas certamente ela precisa acontecer até mesmo para garantir a igualdade de oportunidade de aprendizagem de todos.

A segunda questão foi como faz para auxiliar os professores nas questões relacionadas à adaptação curricular:

A pedagoga A respondeu da seguinte forma: Procuo conversar sempre com os professores, colocando-me a disposição para ajudá-los no que for necessário. Explico aos mesmos como vai o desenvolvimento dos alunos na Sala de Recursos, quais seus problemas e quais suas superações. Alguns professores são mais “abertos” para ouvir e debater, outros não. Também são repassadas informações sobre quais tipos de adaptações podem ser realizadas em sala de aula pra que os mesmos possam efetivá-la.

A resposta da pedagoga B foi: Dificilmente os professores me procuram para conversar sobre as adaptações ou flexibilizações, mas eu sempre os lembro da necessidade fazer e registrar. Esse diálogo abre a oportunidade de abordar o assunto e me permite fazer sugestões para o professor (a) e até mesmo debater situações e possibilidades, mas infelizmente essa conversa atinge poucos.

Sobre qual dificuldade para que as adaptações curriculares se efetivem, responderam:

A pedagoga A: Creio que é falta de esclarecimento por parte de alguns professores sobre a importância da adaptação/flexibilização curricular para os alunos. Através dela os alunos podem alcançar os objetivos propostos.

A pedagoga B ressaltou: A grande dificuldade está na falta de comprometimento com essa prática tão importante e necessária.

Analisando as repostas das pedagogas percebe-se que há divergências entre as respostas dos professores e das pedagogas, pois as mesmas ressaltam a importância das adaptações curriculares para o aprendizado do aluno, no entanto, as mesmas enfrentam dificuldades oriundas da falta de envolvimento de alguns docentes para que a proposta de inclusão se efetive com qualidade. Foi possível analisar que as pedagogas também percebem nos docentes que ainda falta conhecimentos relacionados à área das dificuldades e deficiências dos alunos inclusos.

A falta de comprometimento também foi citada como um empecilho para um bom planejamento de atividades para melhorar a aprendizagem dos alunos.

Mantoan e Prieto (2006), ressaltam a importância do professor conhecer sobre o ensino dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Os conhecimentos sobre o ensino de alunos com necessidades educacionais especiais não podem ser de domínio apenas de alguns “especialistas”, e sim apropriados pelo maior número possível de

profissionais da educação, idealmente para todos. Todavia, se considerarmos que o atendimento do referido alunado em classes comum é a determinação privilegiada nos últimos anos, podemos afirmar que ainda há muitos professores dos sistemas de ensino com pouca familiaridade teórica e prática sobre o assunto. Muitos deles, quando complementaram seus para o exercício do magistério, não tiveram acesso a esses conhecimentos, o que era tratado em estudos complementares realizados no geral em habilitações do curso de pedagogia. (MANTOAN; PRIETO, 2006, p.60).

Dessa maneira é de fundamental importância e urgente que sejam implementadas novas propostas de formações que contemplem o estudo sobre o processo de inclusão dos alunos com deficiências e os que não apresentam deficiências específicas, mas que necessitam de atendimento adequado voltado a sua maneira de aprender. Trazer esse conhecimento fará com que os profissionais da escola possam desenvolver metodologias adequadas as necessidades dos alunos e também ajudará na conscientização de toda comunidade escolar sobre a importância das adaptações curriculares em todos os âmbitos do ambiente escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo entender como os professores e pedagogos compreendem o processo de adaptação curricular.

Por meio das entrevistas e do estudo foi possível perceber que o assunto em questão não é algo que traz segurança ao ser abordado, pois nem todos os professores possuem conhecimentos adequados para poder planejar e adaptar os conteúdos com qualidade. Dessa forma, esbarra-se nos anseios dos professores, a falta de formação, de maiores conhecimentos sobre as deficiências e dificuldades apresentadas pelos alunos, pois se trata de uma tarefa complexa, ensinar de maneira unívoca cada educando de acordo com sua dificuldade.

Professores e pedagogas divergem sobre encaminhamentos de adaptação curricular, pois estas últimas possuem maior grau de conhecimento específico devido à sua formação voltada para a área, já que o curso superior para Pedagogia aborda educação especial e inclusiva. Para as pedagogas parece mais fácil falar de adaptação curricular, pois possuem além de conhecimento, experiência, pois acompanham os alunos em suas dificuldades e são as responsáveis na escola por auxiliar os professores e buscar efetivar a adaptação curricular, para que esta não fique somente na teoria do currículo e do Projeto Político Pedagógico.

Mantoan e Prieto destacam:

Já passou da hora de revermos a formação inicial dos professores especializados, de modo que possam garantir a inclusão escolar de alunos com deficiência a escola comum preparando-se para dispensar a esses aprendizes o atendimento educacional especializado. (MANTOAN; PRIETO, 2006, p.102).

As autoras ainda apontam maneiras para que a formação do professor possa melhorar favorecendo a aplicabilidade das adaptações curriculares, pois receberão conhecimentos específicos para área da educação inclusiva.

É urgente e imprescindível que o poder público se mobilize, criando condições para que esses profissionais se tornem capazes para esse trabalho a curto e a médio prazo. O ideal seria utilizar os recursos do ensino a distância para formar emergencialmente professores, em todo o Brasil, no atendimento as deficiências sensoriais, físicas e intelectuais em nível de extensão e, ao mesmo tempo, organizar cursos de pós-graduação para assegurar uma formação mais adequada à importância da atividade exercida por esses professores. (MANTOAN; PRIETO, 2006, p.102).

Este trabalho abre novos caminhos para que possam ser realizadas novas propostas de estudos, pois através do tema adaptação curricular que é um dos pontos que são muito importantes serem efetivados com qualidade na prática docente, surgiram muitos questionamentos e ideias de estudos e reflexões sobre inclusão e a formação de professores, bem como as dificuldades e anseios da equipe pedagógica sobre como conscientizar os docentes sobre a importância da adaptação curricular.

Para finalizar ressalta-se as palavras de Edler Carvalho, para qual o autor destaca:

Especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para a aprendizagem. (EDLER CARVALHO, 1997, p.17).

Desta forma, o professor deverá estar em permanente processo de aprendizado, visto os desafios inerentes de sua profissão, buscando contribuir para melhoria da qualidade do ensino diminuindo as diferenças e assegurando aos alunos com necessidades educacionais especiais e assim estendendo-se a todos os alunos melhores condições de desenvolver suas potencialidades.

5 REFERÊNCIAS

BEYER, H. O. **Da integração Escolar à Educação Inclusiva: implicações pedagógicas.** In: BAPTISTA, Cláudio Roberto (Org). **Inclusão e Escolarização: Múltiplas Perspectivas:** Porto Alegre: Mediação, 2006, p.76-80.

BRASIL, MEC. **Conferência Mundial de Educação para Todos.** 1990.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Livro 1. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Parecer CNE/CEB nº 17/2001. MEC/SEESP, Brasília, 2001.

BRASIL. **RESOLUÇÃO CEB nº 2 de 11 de setembro de 2001.** Relator: Francisco Aparecido Cordão. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 set. 2001.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002.** Relator: Ulysses de Oliveira Panisset. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 fev. 2002b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_2.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

BRASIL. **Ensaio Pedagógico,** 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=147&Itemid=299>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

COLL, C. **Psicologia e Currículo: Uma aproximação psicopedagógica do currículo escolar.** São Paulo: Ática, 1996.

EDLER CARVALHO, R. **A nova LDB e a educação especial.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

GONZÁLEZ MANJÓN, D.; RIPALDA GIL, J.; ASEGURADO GARRIDO, A. **Adaptações curriculares: guia para sua elaboração.** In: BAUTISTA JIMÉNEZ, R. (Org.). **Necessidades educativas especiais.** Lisboa: Dinalivro, 1997.

LOPES, E. **Estratégias para a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais no ensino regular.** Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/786-2.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

LOPES, E. **Flexibilização curricular**: um caminho para o atendimento de aluno com deficiência, nas classes comuns da Educação Básica. Londrina, 2008. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/ssuser858330/material-flexibilizao-curricular>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

MANJÓN, D. G.; GIL, J. R.; GARRIDO, A. A. **Adaptações curriculares** - guía para su elaboración. Colección: Educacción para la diversidad. Granada - Espanha: Aljibe, 1997.

MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, G. R. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MEC - SEESP. **Projeto Escola Viva**. Garantindo o acesso a permanência de todos os alunos na escola. Alunos com necessidades especiais, n. 5. Adaptações de Grande Porte, Brasília, 2000.

MEC - SEESP. **Projeto Escola Viva**. Garantindo o acesso a permanência de todos os alunos na escola. Alunos com necessidades especiais. n. 6. Adaptações de Pequeno Porte. Brasília, 2000.

MINETTO, M. F. **Currículo na educação inclusiva**: entendendo esse desafio. Curitiba: IBPEX, 2008.

SASSAKI, R. K. **Entrevistas**. 2001. Disponível em: <http://aprendebrasil.com.br/entrevistas/interativa/educadores_pais/entrevista016_imprimir.asp?strTitulo=>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

SASSAKI, R. K. **Inclusão** - construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

UNESCO. MEC - ESPANHA. **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Brasília: Corde, 1994.